

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Janeiro de 2025 - Nº 631

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

SONHOS DE UMA TARDE DE VERÃO

BRUNO LABEGALINI ZUCATO

Todo janeiro a gente se enfiava na chácara da família, semanas a fio. Nem sei de cor quantos primos éramos, meninos todos, e de idade parelha, numa leva suficiente para os embates de futebol no campinho reduzido que ali havia. Ocupávamos o verão com bola, pescaria, estilingue, carteado e desavenças, nos arranjos e desconbinções que naturalmente entre nós aconteciam. Para o alimento de tantas pequenas bocas, as tias, também numerosas, e tão afeitas ao trabalho. Posição que, mais velho, ensinou-me reflexões mais sociológicas, digamos, mas que na ocasião era para todos a mais genuína expressão de amor.

Nessa época do ano, uma tradição também ganhava vida: tão logo passadas as festas da virada, já nos ocupávamos com novas ambições da gula, num esforço talvez de dar continuidade às festanças, e todos indagavam a

minha mãe: “Que dia vai fazer os sonhos?”. Era ela a responsável por essa empreitada, famigerada e hercúlea, que não à toa se dispunha a tocar naquele momento em que também ela estava em período de férias.

Pois que não somente o processo era trabalhoso - sovar a massa, esperá-la crescer, bolear os pãezinhos, deitá-los em descanso para depois fritá-los em pequenas bateladas; nos interins, preparar o creme do recheio, rechear os sonhos fritos um a um, e glamourizá-los por fim em seu invólucro de açúcar. Também a escala que se impunha era grandiosa, implementando-se múltiplos da receita original que resultavam em algumas centenas de sonhos ao final. Suficientes eles eram para que nos esbaldássemos todos ali de sonho quentinho, e cada um ainda levasse o seu quinhão para casa, para comer depois ou regalar alguém que presencialmente não pode lá estar.

O grande entusias-

ta desse projeto era o tio Lúcio, ávido degustador de sonhos de todas as padarias da redondeza, que ele sempre fez questão de provar para se certificar que não eram páreos para os da irmã. Nos primeiros dias do ano, ficava provocando minha mãe e instigando que outras pessoas também o fizessem, garantindo que a tradição fosse cumprida. Para o bom logro da receita, ele cuidava de providenciar os ovos caipiras de algum quintal amigo, que conferiam o amarelado untuoso do creme. E, ao cabo da feitura, entre uma bocada e outra, ele fazia separar, em silencioso proceder, alguns pacotinhos com as guloseimas para cultivar a amizade da vizinhança do sítio. Minha mãe sempre falava que o tio parecia um astuto caçador, que ceava meticuloso a intimidade de suas pacas.

Já a minha função foi diversa ao longo do tempo, pelo que consegui contribuir com as tarefas no decorrer do meu desenvolvimento, no auxí-

lio e companhia a minha mãe. Ajudando no preparo do creme, fritando ou recheando os pãezinhos, ou, a mais comum e executada pela maioria das pessoas que ajudavam, empanando o sonho já recheado no açúcar derradeiro, por ser mesmo a atividade última e a que menor habilidade exigia. Mas muitas vezes, como muitos ali, não fazendo muita coisa além de muito comer.

Minha atuação fundamental, porém, como em todas as ocasiões similares a essa, era a de atento observador, absorvendo o que pudesse do acontecimento para gravá-lo na memória. O fazendo não em registro documental, mas num emaranhado sensorial de todos aqueles estímulos aos meus sentidos e emoções, nas inúmeras vezes em que o dia dos sonhos aconteceu, ou que deles posteriormente me recordei. Preservo a clara visão das longas mesas do sítio, onde os bolinhos de massa repousavam, cuidadosamente cobertos como que por véus de toalhas

de mesa. “Nesse tempo de calor, eles crescem mais bonitos”, minha mãe certificava. Assim incubados, eles estavam a salvo das moscas e das mãos curiosas da criançada, se expandindo em descanso à espera da fritura. Quase que posso ouvir a empolgação na voz de alguém, quando os contabilizava: “Dessa vez, passamos dos trezentos!”. Ou o riso um pouco frustrado e um tanto cômico que se seguia quando, em outra feita, alguém posteriormente percebia: “Dessa vez, nem lembramos de contar...”.

Uma das ocasiões, de maneira específica e sem muita razão de ser, permanece em mim vívida. Num desses dias, estávamos jogando bola no campinho enquanto o processo do sonho era finalizado na casa. Posso ainda hoje lembrar a atmosfera calorosa dessa tarde, o cheiro dos pinheiros de detrás do gol misturado com o que emanava da gordura quente na cozinha, que mesmo distante se fazia sentir. E eu ansioso por aquele jogo

logo terminar. Quando por fim acabou, adentramos em bando à casa já tomada pelo aroma do café recém passado que prenunciava a hora da degustação. Não sei por que as lembranças desse dia em especial possasam ter me marcado tanto, e me transporto a ele por vezes com a impressão de que eu notava ali que ele estava sendo em minha memória gravado, como sabendo vivenciar a natureza fugaz daquele sonho.

E, desse filme recordando, e de todos os demais que em minha lembrança onírica possam se mesclar, recupero fugidio o sabor de uma deleitosa mordida, a sobreposição harmoniosa entre a ligeira crocância adocicada da superfície, a maciez da massa firme e aerada, e a cremosidade fluida do recheio. A salivagem então me inunda de nostalgia e gratidão, por eu continuar existindo em um menino que, um dia, numa tarde de férias em família, se ocupava de ter a brincadeira recompensada por doces e afetuosos sonhos, dourados e quentinhos.

CRÔNICAS DA MINHA GENTE O TABULEIRO DA MARCULA

IVAN

Ary Barroso jamais teria composto o samba “No tabuleiro da baiana”, se antes tivesse visto o tabuleiro da Marcula. A Marcula sempre foi muito velha e deve ter nascido bem velhinha e velhinha permaneceu até morrer. Só, então, estacionou na idade, não mais envelheceu, privilégio que a morte concede aos seus beneficiários. Morava ali no Largo do Jardim, ao lado do armazém do João Gottardello e a um passo da Igreja Protestante, que foi demolida para se construir outra maior, na rua oposta, mas sem o halo de ternura da primeira; e, também, mas sem querer, para apagar mais um vestígio da nossa história. Para quem subia à Igreja Matriz pelo lado direito, a casa da Marcula ficava estrategicamente no caminho dos fiéis e dos que desciam de missas e casamentos e passavam no João Caetano (outro nome do João Gottardello) para um sanduíche de mortadela com o guaraná Bizizi (fabricado aqui mesmo) – os da missa – ou

para uma cerveja Transvia (também daqui), para os do casamento. As pessoas que tinham outras preferências, e o unânime das crianças, paravam na Marcula para comer doce.

A Marcula, como convém às velhinhas, ficava sentada ao lado do seu tabuleiro, protegida por um vestido escuro que ia até o chão (Vestido talar, diria o Carlão da Eponina), cobrindo os pulsos e tapando o colo, calada, pronunciando, às vezes e somente, um pigarro enroscado na garganta ou, quando muito, um resmungo para responder a todas as perguntas. Usava, também, rugas dos mais diversos tamanhos e formas, onde eventuais pretendentes poderiam escolher as mais adequadas para adotá-las no inevitável e devassador futuro. Tudo isso para dizer que no “Tabuleiro da Baiana” o Ary Barroso colocou vatapá (feito de feijão), caruru (de quiabo), acarajé e outras crueldades para a gula das crianças. No da Marcula, não. Dali, distribuídas em lotes separados, a Marcula pinçava com

sua unha comprida, as mais deliciosas guloseimas que as crianças relacionavam e pediam aos respectivos anjos da guarda, na missa ainda quentinha. Na cocada de fita, as fitas debruçadas sobre o açúcar caramelizado faziam fita, fingindo chorar; o doce de cidra, no verde amargo-esperança, mostrava a língua para o doce de

leite, no outro lado do tabuleiro, na doce esperança de vencê-lo na doçura; o pé-de-moleque exibia os tímidos e arredios amendoins com a cabeça enterrada na rapadura, mas deixando de fora as costas nuas; o açúcar, bolotas de açúcar mascavo, derretia-se na língua por causa de uma lisonja preparada, mas ainda não lançada ou, alheio a elogios, enchia-se de furinhos, simulando osteoporose adocicada; fetas de bolo de fubá, de milho e de banana compartilhavam o mesmo monte de bolachas em forma de cavalo da perna dura, sem joelhos; o bolachão-queimado, modelado em

lata de sardinha e deixado no forno de cupim para tostar as beiradas; rosquinhas de duas tranças enroladas uma à outra, retorcidas, salpicadas de açúcar cristal; cartuchinhos de papel de embrulho, repletos de bolinhas coloridas de anis (para a Marcula) e de erva doce (para as crianças), outros atulhados de paçoca, que a gente cortando a ponta, podia derramar pela goela abaixo, como se fosse ampulheta a esvaivar areia que não marca o tempo; doce de abobra competindo cores com o doce de batata roxa, deixando o de batata só de lado; cartuchinhos de pipoca, cujos grãos explodidos mostravam o avesso branco, inchado, com a casca amarela detonada; os sequequinhos, marcados com código de barra pelos dentes do garfo, perfilavam com as brevidades sujeitas a esfacular na primeira dentada, a queijadinha expondo apenas fiapos de queijo ralado na superfície para estimular a curiosidade pelo seu interior; o doce de mamão, luzidio como cacos de vidraça em calda, o puxa-puxa, tirado da garapa, agasalhado em palha de milho seca, as extremidades amarradas com embira da mesma casaca, prevenindo fuga. Pirlulitos coloridos com papel crepom cercavam a latinha de massa de tomate para medir o amendoim torra-

do. Os doces de tacho, para que tomassem consistência e preservassem a forma dada, eram colocados sobre o muro de taipa para tomar sol e recebiam a gentil e sorrateira “visita” de meninos arteiros, para verificar se estavam no ponto. E o que falar dos suspiros? Ai, os suspiros da Marcula. Íngremes, o caracol do cume, como chuca-chuca de nenê, servia para desviar a visão dos ladrõesinhos do melado escondido lá dentro, o sabor multiplicado por raspa de limão galego. Mesmo assim, todas as crianças iam para o céu, em vida, em doce vida, embarcadas no tabuleiro da Marcula. Eu também fui. O céu é doce, podem crer.

Portanto, o Ary Barroso perdeu ótima oportunidade para trocar os tabuleiros e, em vez de samba, usar a toada “Cuitelinho” para a letra que se segue, embora de qualidade inferior, pois é de minha (de)composição:

Na beirada lá da Praça
Onde o povo perambula
A mesa cheia de graça
Com os doces da Marcula
O menino tira a mordada
Esquece a sede e mata a gula, ai, ai.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

MOCIDADE

Incandescente,
Quentura guardada,
Paixão represada.

Por que não?
Cadê o fogo?
Faltou o pavio,

Talvez a centelha,
tão somente.
Covardia pura.

Yoshiharu Endo

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 75

ISMAEL RIELI

L'homme propose et Dieu dispose.

O homem propõe e Deus dispõe.

É como dizia Pascal.

Le coeur a des raisons que la raison, elle même meconait.

O coração tem razões que a própria razão desconhece.

Casseta's

A questão da pensão sempre tem dois lados.

O que ela vai receber e a em que você vai morar.

X X X

Não se lamenta por viver com a corda no pescoço. Tiradentes também esteve assim e hoje é um herói nacional.

X X X

A única função do Espírito Santo é aumentar a distância entre o Rio e a Bahia.

X X X

Muitos mineiros deixam Governador Valada-

res, uma cidade de M e mudam para Boston.

X X X

O tempo passa. O tempo voa e a Vera Fisher continua muito boa.

X X X

Por mais fracassado que seja, todo ser humano deve ser considerado um espermatozoide de sucesso.

X X X

No Oriente Médio, o apressado come quibe cru.

X X X

No Hawaii, todas as sandálias são havaianas.

X X X

Elvis não morreu, porque não morava em Vigário Geral.

X X X

Mais 10 do Canito Perdeu a perna esquerda num desastre.

Mas era um otimista:

- Que bom, agora vou levantar sempre com o pé direito.

X X X

Eu queria ver Jesus fazer o milagre da multiplicação dos peixes às margens do Rio Pinheiros.

X X X

- Do que você gostou mais no meu livro?

- Da encadernação.

X X X

Com tanto pobre empurrando, não é à toa que os ricos vão pra frente.

X X X

- Sei não. Tiradentes, não fui com a cara desse nego.

- Que nada, Alvarenga, o Joaquim Silvério é boa gente.

X X X

- Nós somos peças de uma grande máquina.

- Eu pelo jeito, faço parte do escapamento.

X X X

Mês de férias é assim: 30 dias que a gente gostaria que fosse 60 e parecem durar 15.

Não há duvida, além de curta, a vida também é estreita.

X X X

A democracia pode ser pra inglês ver. Mas a mordomia é pra matar de inveja a Rainha da Inglaterra.

X X X

Um acento muda totalmente o significado do adjetivo "uma alegria doída enchia o coração de Fabiano" a alegria dele era louca. Poderia ser doída machucante. Depois de muitos anos, estou a reler Vidas Secas. Recomendo.

Para Chico Sá do ICL, os dois melhores romances de nossa literatura são Angústia e Vidas Secas. O Velho Graça é mesmo um grande escritor.

X X X

Quanta saudade do centro velho de São Pau-

lo da década de 60 - 70. Felizes os que o conheceram, os que frequentavam.

Os cinemas

Espalhados por várias ruas centrais muitos cinemas pra todos os gostos. Havia filmes que permaneciam em cartaz por semanas, por meses, como "Os Dez Mandamentos" - longo, com intervalo. No cine Ipiranga, "Marcelino Pão e Vinho" com Pablito Calvo no Rivoli, que também exibiu por longo tempo "La Violeta" com Sarita Montiel; A Volta ao Mundo em 80 dias com cantinflas; Bem Hur também ficou em cartaz por muito tempo.

Filas se formavam no Art Palácio nos lançamentos de Mazzaropi e do Zé do Caixão. O primeiro nu frontal com Jeanne Moureau passou no Jussara, cinema que só exibia filmes para maiores de 18 anos. O mais elegante, o mais pomposo com escadarias de mármore era o Marrocos, na Conselheiro Crispiniano. Depois veio o Cinerama no Comodoro lá no fim da São João. Muito elegante, atapetado era o Metro na São João. Especializado em pornôs o Cine Aurea, na rua Aurora. Havia também os cinemas mais populares

com 2 ou até 3 filmes por sessão: no Anhangabaú o Cairo e o Pedro II, na Sé o Cinemundi e o Santa Helena; o Cine Jóia na liberdade exibia filmes Japoneses, o Coral, na 7 de abril, filmes italianos.

Enormes, com muitos assentos com tela de cinemascopo o Cine Republica naquela praça. Na Ipiranga, mais tarde apareceu o Windsor; na Rio Branco o Normandie e o Rio Branco; no Largo do Paissandu os cinemas Paissandu e Bandeirantes (depois Ouro); na Antônio de Godoi, o Boulevard; a São João era campeã, com o luxuoso Olido que, nos intervalos tocava piano, o Art Plácido, o Rivoli, o Broadway, O Metro, o Regina (mais moderado) o Oásis e o Comodoro; na São Luís o Metrôpole, perto da Praça da República o Scala; na Praça Roosevelt o Bijuquinho com filmes difíceis e complexos como Passado em Mariemad. Oito e Meio.

No Largo do Arouche o Cine Pigalle, na Galeria Barão de Itapetininga, o Cine Barão.

O que aconteceu com essas saudosas salas de cinema? Tirante o Marabá, que resiste, a maioria virou igrejas evangélicas, ou, demolidas, estações.



ARTESÃO À BEIRA-MAR

VALDO RESENDE

A cidade é uma mistura de agitação e calma, talvez acompanhando o movimento das marés. O tempo e o mar, é Iemanjá quem sabe, conta o atendente da barraca que oferece cerveja, caipirinhas. "Vai ser o que ela quiser. E se ela quiser, ela acaba com tudo isso aqui" diz o rapaz que costuma ouvir os chamados que vem por entre as águas. E nada, indo o mais longe possível, independentemente da hora. Prefere a noite, muito mais calma.

Nem tudo é idílico e há pontos do imenso jardim que limita praia e avenida. Há ratos, enormes, inúmeros. Alimentam-se de sobras de comida deixadas por frequentadores que nem sempre seguem regras de conduta coletivas. Deixam restos esparramados, nem esperam os garis terminarem o serviço e já estão jogando pedaços de coisas, ou lançando-as fora das lixeiras. Um vizinho, entre risos, lembrou quando a prefeitura arrumou um monte de gatos, deixando-os ao longo do jardim para acabarem com os gatos. Sumiram. Segundo o vizinho viraram espetinho.

Para os que podem durante os dias de semana desfrutar das tardes tranquilas à beira mar as histórias chegam; não tantas quanto as ondas,

nem com a tranquilidade e leveza das nuvens. Às vezes vem leves, despretenhosas como pequenos barcos à vela. Também vêm com o peso dos imensos cargueiros, cheios de segredos e mistérios. Pode-se saber com certa facilidade o que trazem dentro dos pallets de diversas cores e tamanhos. Entre esses pode ter algo estranho, assim como é no casco que a polícia sempre encontra presas toneladas de cocaína.

Foi assim, com enorme preambulo, cheio de moralismo barato e de ordinária justiça divina que Wanderlei se aproximou. Nem sempre damos conversa aos transeuntes, principalmente quando visivelmente alterados por bebida, droga ou se, nunca saberemos, o aparente delírio de alguns ocorre por fome. Pedem dinheiro, cigarro, e são até desafortunados, como aquele que pediu 20, 15, 10 reais e, exasperado, aceitaria 5. Quando disse não ter - pois raramente ando com dinheiro - ele foi embora me maldizendo, deixando claro que se arrumasse um tostão voltaria pra me dar, pois eu estava pior que ele.

Wanderlei chegou de mansinho, trazendo todos os seus pertences consigo. Uma sacola pendurada a tiracolo, uma mochila pesada, suja, nas costas. Falou de

Deus, de como é bom ser respeitado como gente, que somos todos irmãos, que sonha ter uma casa. Queria voltar a dormir de conchinha com a companheira, mas precisa encontrar outra, pois tiveram que se separar. A mulher danou a usar cocaína, o que não foi legal.

Mantinha o olhar atento, esperando a deixa para dizer "não quero", "não tenho", e ao mesmo tempo a curiosidade veio. Como essa gente sem eira nem beira consegue o pó? Dizem que é caro. As conjecturas fariamos depois: pode ser como pagamento por aviãozinho, pode ser subproduto, tipo craque. Mantinha meu olhar fixo naquele homem magro, barba por fazer, suado e sujo. Sem deixar de sonhar insistia em um lugar para si, longe das inconstâncias do mar. Queria trabalhar! E resolveu nos mostrar o que sabia fazer, como ganhava a vida.

Ao abrir a sacola que estava a tiracolo vimos um monte de latas. E ele, orgulhoso, mostrou-nos um cinzeiro feito com o material reciclado. Embora interessante, o olhar do homem percebeu que não havia nos conquistado com o objeto um tanto fora de moda, destinado ao desprezo das gerações não fumantes. "Vou fazer uma para vocês verem como eu sei trabalhar! Só preciso ter um lugar pra

trabalhar, vender e ter minha casa".

Sem parar de falar, Wanderlei pegou uma latinha dessas que são vendidas aos montes em quiosques e barracas. Primeiro, com a ajuda de um canivete, tirou o adesivo que cobria a lata, deixando visível o alumínio, ou material que o valha. Sob nossos olhos, pegou uma tesoura, cortou aqui e ali, e aprontou a base do que pretendia. Outra lata, para utilizar partes específicas, e repetindo os procedimentos concluiu a panela, "Uma panela de pressão!", apresentou ao final, orgulhoso.

São os turistas que compram, ele disse completando que um "gringo" chegou a dar R\$ 100,00 reais por uma peça. A isca foi maior do que poderíamos abocanhar. Rindo, disse a ele que as peças, isqueiro e panela, tinham ficados ótimas, mas não tínhamos todo esse dinheiro. Resignado, ele sentenciou. "Aceito o que você tiver". Ficamos, Flávio e eu, com a panela. Embora ele tenha insistido para que ficássemos com os dois objetos pelos R\$ 20,00 reais que estavam conosco.

É certo que a foto não faz jus ao objeto. Fundamentalmente a panelinha não revela que foi feita de pé, seu criador falando calmamente, quase sem parar. Mãos sofridas e calejadas trabalharam

com admirável rapidez o objeto, que resta dizer, Wanderlei aprendeu com um pessoal que "mora aí", apontando-nos para moradores de praia sentados em bancos próximos. "Eu não! Eu vou ter minha casa, uma mulher para dormir de conchinha".

A panelinha está entre os objetos que enfeitam nossa casa. Olho para ela e pretendo guardá-la para recordar que entre os moradores da praia há

de tudo. Desde aqueles que é bom mantermos distância, como outros que ajudam a recolher cadeiras e barracas, empurrando enormes carrinhos no começo da noite, ou os que vendem balas e outros cacarecos. Essencialmente, que há gente como o Wanderlei que em qualquer circunstância terá como trunfo uma admirável habilidade artesanal. E um papo tranquilo para vender seus produtos.

COMO VOCÊ GOSTARIA DE SER LEMBRADO?

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Mais um ano se foi e muitos já se foram. Assim como eles, você também veio dar um passeio temporário no planeta Terra e vai partir um dia. Uns vivem mais, outros vivem menos. E todos, enquanto estão por aqui, fazem alguma coisa, de bom ou de ruim. No final, vai sobrar apenas uma placa no cemitério falando sobre você, duas ou três palavras, talvez uma foto. Os que tiveram sorte, porque mui-

tos nem isso terão. De qualquer forma, todos serão esquecidos em pouco tempo. Mesmo os mais famosos, ricos ou poderosos. Restam poucos lembrados na história da humanidade. Enfim, toda essa conversa apenas para fazer uma simples pergunta: como você gostaria de ser lembrado depois de partir desta curta jornada terrena? O que acha que irão dizer de você, seus amigos e inimigos? Só para você pensar um pouco enquanto ainda está por aqui e está começando um novo ano...

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha)

Monte Sião - MG CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar Engº Mecânico Automotivístico

DELTA FOTO

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 - 9 9114 9447

ANO NOVO - O RETORNO

DANILO ZUCATO ROBERT

E se tudo o que você fez ou experienciou em sua vida se repetisse eternamente? Este é um dos conceitos filosóficos de Friedrich Nietzsche, no qual ele afirma existir apenas duas formas de reação a este problema: desespero ou alegria. Como dizia o filósofo, toda dor e todo prazer, todo pensamento e todo suspiro retornarão; “até essa teia de aranha e este raio de luz entre as árvores voltarão”.

E se este fosse seu destino, como reagiria? O Eterno Retorno é uma ferramenta que visa justificar a existência por si mesma e não em concepções éticas no além-mundo (como as religiões fazem). Neste cenário, o indivíduo torna-se responsável por criar seus valores, colocando a eternidade neste mundo, e não no além.

De certa forma, a passagem de um ano para o próximo sempre tem em si traços de Eterno Retor-

no, pois ao mesmo tempo esperamos e nos angustiamos em saber que muitos dos fenômenos do ano que se encerra se repetirão no ano iminente. E assim sendo, cabe a nós sabermos como lidar com todo e cada fato que pode se repetir, bem como os fatos que serão inéditos em 2025.

O amor aos fatos que ocorrem, ou o amor fati, na filosofia nietzschiana, é a forma da grandeza de ação e reação do homem. Dessa forma, todo novo acontecimento deve ser aceito e amado, abraçado e suportado, para matar ou fortalecer, pois, “aquilo que não me mata só me fortalece” - frase de um de seus livros, ‘Crepúsculo dos Ídolos’.

Os fenômenos que aparecem em nosso cotidiano têm duas realidades: objetiva e subjetiva. Na realidade objetiva, ele é o que é. Ele acontece de forma neutra, orgânica, natural. É como um raio que estoura, ou uma chuva que cai. A segunda realidade

do fenômeno é a realidade subjetiva, que é a forma que interpretamos este fenômeno, e eis a chave para o amor fati: Sabemos que todos os eventos que acontecem são interpretados diferentemente por cada indivíduo, e a forma que cada um interpreta tais eventos limita-os em conceitos específicos e únicos para cada pessoa. Dessa forma, um ano que termina pode ter sido o melhor ou o pior de toda a vida de alguém. Ou somente pode ter sido ‘mais um ano, como sempre. Um retorno’.

A maneira como enxergamos o fim de 2024 é a mesma forma que ‘a vida passa diante dos olhos’ de condenados, pois estamos condenados a 2025 e suas causas estão em cada ano anterior a ele. Devemos amar tudo o que sucedeu, pois cada segundo nos transformou em quem somos hoje. Caso não amemos o que somos atualmente, estamos condenados a outro fator intrínseco à existência: ser

livre, conforme ponderava Sartre. Não se quer o eterno retorno? Não se deseja 2024, 2010 ou 1994 novamente? Usemos da liberdade de fazer diferente, mas, de uma forma ou de outra, tudo o que suceder, estando em nosso controle ou não, devemos amar, atribuindo valores próprios que nos engrandecem como ser humano, como übermensch, ou super-homem (outro conceito nietzschiano).

O valor que você dará a cada evento de 2025, que será diferente de todos os seres humanos do planeta, será a chave que definirá como você verá sua vida, ou seu ano, passando diante de seus olhos no “Ano Novo - O Retorno”, ou seja, na passagem de 2025 para 2026. Portanto, ame 2025, dê valores que te engrandecem a tudo o que acontecerá, e no caso de um eterno retorno do mesmo, escolha com discernimento, pois só haverá a felicidade, a angústia, ou o pior de todos, a indiferença.

O MASSIMO DO ALAMBIQUE

DURVAL TAVARES

Em clima de festa, voltarei a escrever, não sobre do bendito Rey, garoto maroto, mas de seus pais, Massimo e Bárbara, casal apresentado para que não se diga que o filho foi ingrato. Afinal, ambos colocavam a comida no seu prato e, além do Galinho Bico de Vinil, o apresentaram com o ligeiro Gato Pullito, o Cachorro de Gorro e o Porco Sporco. Presentes de Natal para um menino agitado e interessado nesses pequenos e mimados animais. Pequenos só no começo, porque o cachorro cresceu em demasia que mais parecia um garanhão e o porco engordou tanto que precisou passar por uma dieta para não ser atrativo num grande leilão.

Bem, o certo é que o Sr. Massimo Quexoto, simplesmente o Máximo, assim conhecido entre amigos, vivia no meio do canavial e, por conhecer bem as características e utilidades da cana, não pensou muito e resolveu, num pique e repique, numa época sem pix, remix, Asterix, abrir um alambix (ops!), um alambique. Começou apressado, sem muito cuidado, sem se preocupar de antemão com o mercado, justamente porque em Manguá não faltaria público interessado (um plano de negócios foi dispensado). Como não poderia cometer o erro de fazer uma bebida que caísse em desgraça junto aos frequentadores da Manguaça, a principal praça de Manguá, viajou até Pirassununga para estudar e

aprender a melhor maneira de produzir uma excelente pinga. Essa ação foi o pulo do gato. Primeiro ouviu sobre a colheita da cana, o que pare ele soava como brincadeira, porque ela fazia parte de sua vida inteira. Mas outros pontos estudados foram muito importantes, como no caso de regular a moenda para uma boa moagem. Até o cavalo baio amarula do Zio Niba, o Zoe, foi treinado num bom trote para, quando em serviço, fazer a moenda rodar de forma exemplar. Também ele aprendeu (Seu Massimo, não o cavalo) sobre a necessidade da boa filtragem, de extrema importância para não prejudicar a qualidade do produto final. Ouviu falar sobre um tal brix (esse brix nada mais é que a porcentagem de sólidos solúveis dissolvidos no caldo bruto da cana, ou seja, é a porcentagem de sacarose, glicose, frutose e outros compostos não açúcares como aminoácidos, gorduras, ceras e minerais que são absorvidos pela cana durante seu processo de maturação; entendeu? sugiro consultar “revistacana vieiros.com.br” para entender, porque eu não entendi o suficiente para esclarecer a quem quer que seja). Seu Massimo, de tão complicada que fora essa parte do estudo, só gravou que deveria adicionar água ao caldo da cana e aí teria que partir para o método “tentativa e erro”, sem desespero, sem destempero. E a tal fermentação, então? Converter açúcar em álcool lhe pareceu, no início, ser mais difícil do que ensinar religião a ateu. Na prática

percebeu que não. Daí veio a destilação. Aprendeu a aquecer um alambique de cobre, metal que pensava ser de rico, mas, na verdade, era mesmo de pobre. Etapas seguintes seriam as do armazenamento em barris (não sei se de carvalho) e do envelhecimento, o engarrafamento, ação que também tomava um bom tempo da Bárbara, sua patroa. Beleza, dali logo seguiria para a mesa e, com certeza, para o balcão. Aprendeu bastante sobre a produção daquele líquido precioso para o brasileiro e também para o mundo inteiro, mas, somente durante os anos seguintes, após muitos investimentos e árduo trabalho, veio a conhecer bem o processo todo e se transformou num produtor de destaque em Manguá. Se queria ser tão bem-sucedido quanto o era seu pai, se queria produzir uma cachaça-raiz que fosse tão bem acolhida quanto as músicas reproduzidas pela Banda Manguacinos do já famoso maestro Parmiro, seu pai, conseguiu. Sua paciência foi a sua maior virtude. A cachaça patenteada como “Manchaça”, longe de ser uma grande mancha para Manguá, muito bem se destacou em toda a região e além-fronteiras. A informação reinante era a de que se equiparava às boas marcas produzidas em Salinas, capital nacional da cachaça, não só de Minas. Disso não se tem prova, apenas comentários à boca

pequena. De todo modo, era bem provada, consumida e aprovada em Manguá. Pessoas, sem ter o que fazer, *επιφαν χωρίς μέτρο και έκαναν τα παγκάκια στην πλατεία ένα καλό μέρος ανάπαυσης* (ops: b3bi lém dakont@). Daí a recomendação: Se bevi, non scrivere! (Se beber não escreva! Também não dirija!) e *Πιστεύετε ότι το cachaça είναι νερό* (traduzindo o grego: Você pensa que cachaça é água?).

Sr. Massimo, já famoso por produzir líquido bem valioso e saboroso, passou a ser tratado na Grande Manguá como uma solenidade, o “Dom Quexoto” e, para forasteiros, reconhecido como o “Dom Quexoto da Manchaça”. Por essa, que me perdoe o Miguel de Cervantes.

Assim como a música do coreto embriagava almas que se mantinham calmas, a cachaça enchia copos e embriagava corpos que se acalmavam, com raras e indesejáveis exceções.

Mentre la musica del coreto inebriava gli animi, la cachaça inebriava i corpi.” “E cosi che il signor Massimo è diventato molto famoso”. Dona Bárbara ficará para outra ocasião, perdão!

Entramos, assim, com o pé direito no Ano Novo e, em seguida, o esquerdo. Afinal o tempo voa, os desafios continuam e, sem pés firmes no chão, o tombo será inevitável, especialmente para clientes do alambique do Seu Massimo.

Feliz Ano Novo, meu povo!
Ciao.

DE VÁRIOS CRONISTAS

Quem diria o queijo de uma árvore nascendo
E aos poucos ia crescendo
E tornando delicioso
Mesmo sendo parmesão ou pastoso
(João Marino Silva)

Que delicioso café aquela cafeteria exala
Tão saboroso que a gente nem se fala
Aquele homem tinha um semblante admirável
E o cafezinho quentinho era bem aceitável
(Leonardo Labigalini)

Delfim Neto teve trajetória brilhante
Sendo que São Paulo foi a cidade pujante
Onde ele nasceu e aos poucos foi se projetando
Sendo até mesmo nosso embaixador francês e
[o idioma falando
(Ismael Rielli)

Faça as pazes com seu passado para que
[não estrague o presente
Pois assim se respirar fundo lhe acalma a mente
Sabemos que a vida não é justa mas é muito boa
Mas se você não pedir não receba de qualquer pessoa
(Danilo Zucato Robert)

Mesmo que a vida mostre tantos brilhos
No mundo atual não saberia como criar um filho
Pois para tudo existe um tempo anormal de maturidade
Mas hoje para criar filho é muita responsabilidade
(José Antônio Zechin)

Difícil mesmo era para o encantador de serpentes
Que não encantava a si mas também tanta gente
Mas foi quando num certo dia que a serpente lhe atacou
E o pobre encantador naquele dia sua vida parou
(Matheus Zucato)

Uma plantação de vaga-lumes na praça estava plantada
Mas naquele bar muitos bebiam a cerveja bem gelada
E dentro do bar a algazarra tinha continuação
Mas sabendo que uma boa história pode dar muita animação
(Jaime Gotardelo)

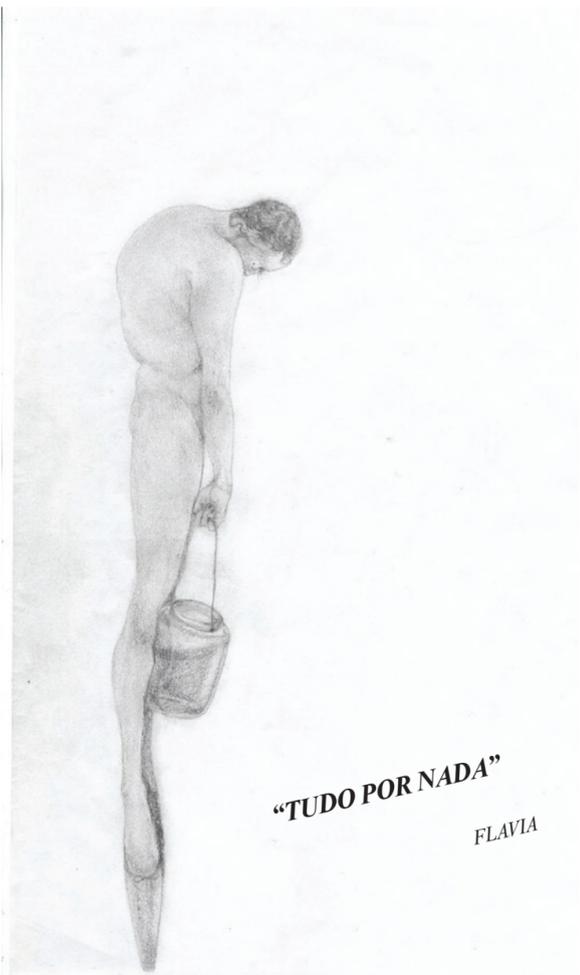
No chão já é difícil fazer amor imaginem nas alturas
Ainda mais para aquele alto de boa estatura
Ele tremia muito ao segurar a mão da mocinha
Mas naquele momento era tudo o que ela tinha
(Valdo Resende)

Quem diria que até o Paiol Barreado tem mapa
O Coqueiral Terra de Cantare e nem o Mingo Deseróe escapa
Cuidado com o Morro da Batinga, Tijuco Preto, Grotão e
Morro do Macaco, velhos pontos de Monte Sião
(Durval Tavares)

Um coador digno é com a flanela da Loja do Lucianinho
Ela tem um cheiro diferente e o café coa bem fininho
Ainda mais coado no velho fogão com fogo brando
E dali há pouco o café estará na chaleira fumegando
(Ivan Mariano)

(Estrofes criadas ao ler as crônicas dos autores citados, publicadas no Monte Sião, edição 627 – setembro de 2024)

Arlindo Bellini



De balde vazio, procurava o amor líquido do mundo.

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37880-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) **3465-5463**

FELIZ ANO NOVO

PAULO FRANCO

Os portões de Jano se abrem para um novo ano e ao redor do mundo, do Kiribati às ilhas de Niue e Samoa Americana, as comemorações vão se sucedendo. Junto delas, uma infinidade de superstições, às quais quase sempre nos rendemos, para afiançar um ano de felicidade, fartura e saúde.

Então nos dispomos a nos vestir de branco, comer lentilhas, uvas, romãs, pular ondas e nunca comer aves, que cisam para trás.

Assim como Jano, voltamos uma face para trás, para mais um ciclo que se fecha, numa análise do que foi bom, do que poderia ter sido e do que efetivamente não foi e projetamos a outra face para o ano vindouro, sempre na esperança de dias melhores. É a hora de reafirmar

desejos, criar outros e sonhar: imaginar aquela viagem há tempos idealizada, perder aqueles malfadados quilinhos, entrar de cabeça no mito criado por Platão e sair em busca da nossa alma gêmea, ou coisas mais palpáveis como ler mais, compartilhar a vida com quem amamos ou contemplar as coisas belas que nos cercam.

Que venha janeiro, com a florada e o perfume dos cravos, que possamos ouvir cravos mais amiúde ou que ousemos usando cravo da Índia numa receita nova.

Que o sincretismo nos possibilite celebrar tanto São Sebastião, quanto Oxossi, respeitando credos alheios. Que janeiro comece com o dia mundial da paz e termine com o dia da saudade sem percalços.

Que chegue o outono, principie o inverno, atin-

ja a primavera e alcance o verão para completar mais um ciclo. Que a desafetação, despojamento e a simplicidade de Eco nos permita observar o alongamento e o encurtamento dos dias e noites, até atingir a diferença dos solstícios ao equilíbrio dos equinócios.

Que o homem faça pausas para cuidar da terra e da natureza e possa se deleitar com as floradas das quaresmeiras, dos ipês nas suas múltiplas cores, dos flamboyants e dos manacás.

Que o carnaval nas avenidas, as festas juninas, as celebrações das nossas Santas Padroeiras e comemorações nos estádios, em salões e nas ruas, aconteçam com respeito e em paz.

Que de janeiro a dezembro, a natureza se revele menos com os nossos

atos, as águas venham na justa medida de irrigar o solo e abastecer nossos mananciais, os ventos soprem brandos como Zé-firos, como uma aragem, que o frio e o calor extremos, se concentrem nos polos e nos desertos e que possamos chegar ao dia de São Silvestre em paz com o meio ambiente e com nós mesmos.

Para sintetizar, só Drummond e sua Receita de Ano Novo:

“Para você ganhar um belíssimo Ano Novo cor do arco-íris, ou da cor da sua paz, Ano Novo sem comparação com todo o tempo já vivido (mal vivido talvez ou sem sentido) para você ganhar um ano não apenas pintado de novo, remendado às careiras, mas novo nas sentinhas do vir-a-ser;

Para ganhar um ano novo que mereça este

nome, você, meu caro, tem de merecê-lo, tem de fazê-lo de novo, eu sei que não é fácil, mas tente, ex-

perimente, consciente. É dentro de você que o Ano Novo cochila e espera desde sempre”.

MINHA VIDA

É uma colheita

de graças

Graças

que de graça

recebo

E que às vezes

me esqueço

de graça

preservar

Popo de Sião

ANO NOVO, VIDA NOVA. SERÁ?

LEONARDO LABEGALINI

A cafeteria estava especialmente movimentada naquela manhã de início de ano. As mesas estavam decoradas com detalhes prateados e dourados, e um quadro branco na entrada exibia a frase: “Ano Novo, Vida Nova”. Foi com esse pensamento que Téo entrou no local e encontrou o Líder Inspirador já à mesa, com seu café costumeiro.

Após os cumprimentos iniciais, Téo foi direto ao ponto, apontando para o quadro na entrada.

— Todo início de ano é a mesma coisa: esse mantra do “Ano Novo, Vida Nova” se espalha por todos os lugares. Mas será que é mesmo assim? — perguntou, puxando a cadeira.

O Líder Inspirador sorriu levemente.

— Essa é uma ótima pergunta, Téo. E é um bom tema para conversarmos

hoje. O que você acha que realmente muda quando o ano vira?

Téo pensou por um momento, olhando para a xícara de café que acabara de chegar.

— Bom, acho que a gente sempre começa o ano com esperança. Há algo simbólico em deixar para trás o que não deu certo e começar do zero. Mas, se for para ser honesto, muitas vezes sinto que nada realmente muda.

O Líder Inspirador assentiu, encorajando-o a continuar.

— Talvez — disse Téo — porque a gente espere que as mudanças venham de fora. Acreditamos que o novo ano, a nova casa ou até um novo emprego serão a solução. Mas, no fundo, sei que isso não resolve tudo.

— E por que você acha que isso acontece? — perguntou o Líder.

Téo refletiu por alguns

segundos antes de responder:

— Acho que, no fundo, a mudança de verdade precisa vir de dentro, do jeito que a gente enxerga as coisas e de como lidamos com elas. Mas isso é mais fácil de dizer do que de fazer, não é?

O Líder Inspirador tomou um gole de café antes de responder:

— Exatamente, Téo. A transformação real não acontece porque o calendário mudou ou porque um novo ciclo começou. Essas coisas são como os galhos de uma árvore: elas ajudam a sustentar, mas não são a raiz. A raiz está no comportamento, na forma como você pensa e age em relação à sua vida.

Téo assentiu, parecendo entender melhor o ponto.

— Então, se mudar o ano ou as circunstâncias externas não são suficientes, por onde você acha que devemos começar? — per-

guntou.

O Líder Inspirador inclinou-se levemente para frente, como fazia sempre que uma reflexão importante estava por vir.

— A primeira pergunta que você deve fazer, Téo, é: “Qual área da minha vida precisa de uma vida nova?”. Pode ser o trabalho, os relacionamentos, a saúde, ou até a forma como você enxerga a si mesmo. Identificar isso já é um grande passo.

Téo ponderou por um momento, reconhecendo áreas de sua vida que há tempos precisava mudar.

— E depois de identificar? — perguntou.

— Depois, você precisa olhar para aquilo que tem aceitado, mas que não faz mais sentido. O que você tem carregado que não cabe mais? Pode ser um hábito ruim, um relacionamento tóxico ou até uma crença limitante. Mudar não significa começar do zero, mas

sim podar o que não está ajudando a crescer.

Téo concordou. Ele sabia que havia hábitos e formas de pensar que estavam estagnando seu crescimento.

— Isso faz muito sentido — disse ele. — Então, a tal “vida nova” não depende do ano novo em si, mas de decisões que tomamos todos os dias?

— Exatamente — respondeu o Líder. — O novo ano pode ser um bom momento para refletir, mas a verdadeira transformação acontece quando você muda suas atitudes, sua mentalidade e sua forma de agir. Se você não muda o que nutre a raiz, os galhos nunca serão fortes o suficiente.

Téo ficou em silêncio por alguns instantes, absorvendo aquelas palavras.

— Então, para mim, esse “Ano Novo, Vida Nova” começa agora — disse ele com um leve sor-

riso. — Vou refletir sobre as áreas da minha vida que precisam de renovação e começar a agir.

O Líder Inspirador sorriu de volta.

— Esse é o espírito, Téo. Não espere por datas ou momentos perfeitos. A mudança verdadeira acontece no presente, quando decidimos agir.

Enquanto terminavam seus cafés, Téo sentiu que aquele encontro fora mais um passo importante em sua jornada. Ele saía dali não com promessas vazias de ano novo, mas com a certeza de que, para a vida ser nova, ele precisava ser novo em suas escolhas e em sua forma de enxergar o mundo.

Ao sair da cafeteria, passou novamente pelo quadro na entrada e sorriu ao lê-lo. Dessa vez, a frase “Ano Novo, Vida Nova” parecia carregar um significado completamente diferente.

OS BRUTOS

MATHEUS ZUCATO

Não tinha como ser outro o primeiro detalhe percebido do bar: o cheiro de urina invadia sem convite os nossos sentidos. No momento que me aproximei, dois homens se atacavam com palavras vis a respeito do resultado de um jogo parti-

lhado por eles e outros camaradas que riam sem pudor da idiotice dos bêbados desenfreados. Me postei no balcão grudento, uma vez que as poucas mesas do pequeno local estavam todas ocupadas, fosse por grupos de jogavam cartas, fosse por um único homem desmaiado, ou por amigos ébrios a

serem formados numa comunhão instantânea, volátil, alcoólica. Eu comemorava qualquer coisa que o tempo já apagou da memória da importância. No balcão, o proprietário atendeu meu pedido e me trouxe a garrafa escura de uma cerveja barata. Sentei entre dois homens que antes conversavam com o balconista e agora tinham se silenciado. O do meu lado esquerdo, um brutamontes com duas vezes o meu tamanho virou a contragosto o corpo para a entrada do bar e continuou a bebericar o seu copo, enquanto do meu lado direito percebi um olhar fixo, de um senhor magro, de óculos, barbeado e de cabelos brancos, numa tentativa quase vitoriosa de me reconhecer. No canto da discussão acalorada, um dos brutos tirou de algum lugar um violão e iniciou uma antiga canção de amor enaltecida pelos companheiros de copo. Por algum motivo estranhava estar ali, e minhas costas se punham em alerta a cada momento.

Talvez fosse a iniciação aguardada, mas quando bebi o primeiro gole da cerveja, o homem do meu lado direito sorriu e fez um comentário sobre ela estar *trincando de gelada*, enquanto o do lado esquerdo se voltou, ainda de cara fechada, e fixou o olhar. Sorri e consenti com a observação do primeiro, brindando no ar. Ele riu e, incentivado pela acolhida,

me disse algo que até hoje tenho marcado em mim: *“você não lembra de mim, mas bebi várias com seu avô. Ele vinha tomar a famosa Companhia. Eita bebidainha amarga igual sogra encrenqueira! Ele bebia com duas pedras de gelo que tinham de ter o mesmo tamanho, senão ele devolvia. Como o Seu Palmiro, pai do Palmirinho — e apontou para o balconista — gostava muito do seu avô, fazia-lhe o gosto. Era teimoso, mas bom e honesto, o homem. E você veio tomar o lugar dele?”*. E riu alto. Eu ri também, espantado com a singeleza do que acontecia. A pergunta ficou no ar e dei sorte, porque no momento do vazio outros três jovens chegaram e pediram ao Palmirinho uma garrafa inteira de Bicho-do-Mato, cachaça terrível, mas aparentemente muito apreciada por todos.

O homem do meu lado esquerdo encarava com a fuça feia os clientes que esperavam a garrafa. Parecia ele precisar de um só motivo. Parecia querer um só motivo. Outra canção muito popular preenchia o ambiente; os homens das cartas se insultavam, e na rua outros mais gargalhavam das histórias vergonhosas e das derrocadas mútuas.

Os três rapazes foram embora ilesos, não sem antes brindarem um *shot* cada pela música que acalentava

os corações inconsoláveis. Tendo percebido o ímpeto do brutamontes, Palmirinho o convidou também para um *shot* por conta da casa. Disse que se três *molengas* assim homenageavam a canção, eles também o fariam. O brutamontes sorveu a dose de uma só vez, e terminou num sorriso com lágrimas, com palavras de que a mardita realmente ardia até a alma.

Terminada a garrafa, agradei e paguei o Palmirinho, e cumprimentei de uma só vez os companheiros que me flanqueavam. Caminhei meio inclinado até a porta do bar, observado por muitos que talvez também esperassem um só motivo, visto o peso no olhar que carregavam consigo. Quando saí, respirei fundo, o olhar dirigido lá em cima no breu do teto noturno, sem lua. A rua ali fora estava muito escura, e a noite dava destaque aos astros celestes. Para o meu infortúnio a música cessou no exato momento em que, boquiaberto com tamanha beleza no cosmo, gritei para ninguém, *“que céu! Olha essas estrelas!”*. Um silêncio terrível me fez petrificar, sem coragem de voltar o olhar para os homens que com certeza viriam nisso o motivo. Pisquei os olhos algumas vezes, pois a cerveja de antes me atrapalhava o foco. No último abrir dos olhos, todos eles estavam amontoados ao meu lado,

e aí tive de olhar, em defesa do corpo fraco. Para meu espanto, todos eles, incluindo o Palmirinho, contemplavam o firmamento superior. O brutamontes se escondia num canto, a contemplar discretamente as faíscas celestes. O vazio do som era a casa que nos acolhia, pois assim ficamos durante bons minutos, sem motivo de palavra que talvez arruinasse o comum acordo dos homens. Não havia necessidade da expressão do que era deslumbrante acima de nós. Os pontilhados faziam pururuca da vista inerte de cada um, herói da própria batalha, represa dos incêndios contidos da alma. O que restou foi uma percepção geral do inconcebível. Ninguém ousou se mexer, acovardado de si. Olhei de canto para o senhor de óculos e cabelos brancos, e ele sorria igual antes, como observasse no céu todos os avôs e os pais dos filhos do mundo, como reconhecesse no pavimento um amigo muito querido. O brutamontes tinha abaixado a cabeça e parecia sondar o além, no fundo do copo. Palmirinho, de olhos vermelhos, interrompeu a tensão e disse que abria um Bicho-do-Mato por conta da casa e servia a todos uma dose. Ele e o senhor de óculos retornaram ao balcão, e cada um dos outros deu graças a Deus, respirou aliviado, e voltou a encontrar no exato lugar onde antes estivera sentado o seu devido personagem.

CADA DETALHE SEU

Seu corpo milimetricamente perfeito
Parece ter sido esculpido por Michelangelo

Seu cabelo que tem fases
Sempre alguma coisa diferente
Mas os cachinhos sempre persistentes
Que me prendem
Ao se enrolarem nos meus dedos

Sua pele macia
Que cola minhas mãos
É aconchegam o meu corpo

Seu sorriso metálico
Me direciona ao caminho de sua boca
É me segura em um beijo longo e reconfortante

E por último meu preferido
SEUS OLHOS
Tão verdes quanto as florestas de sua alma
Que me fixam os olhos
É combinam tanto com os meus

Amo tanto cada detalhe seu
Que também é meu

Pietra Ferreira Martins

(Jovem de 17 anos - conhecida de Popo de Sião)

TONHO BOSSI – PARTIU UM PEDAÇO DA TRADIÇÃO DO BAIRRO DOS ALVES

L. A. GENGHINI

Tonho Bossi, ou Bossi, era meu amigo, as irmãs e os irmãos do Tonho também foram e são meus amigos e o Geraldo, pai do Tonho Bossi, foi amigo de meu pai desde a infância, o Pedro Bossi, nonno do Tonho, com seu indefectível bigodão e seu sarcasmo em comentários ácidos e verdadeiros, era amigo de meu nonno Toninho Genghini desde a infância, que chegados da Itália, a bordo de navios fedorentos, trouxeram a esperança de progredir, e ao seu modo, no que era possível aos *contadini* (agricultores), fizeram seus futuros.

Todos nós nos espalhamos pelo mundo, mas o Tonho não!

Com seu jeito manso e pausado de falar, que muito lembrava o nonno Pedro, o Tonho foi ficando e apegado à lavoura continuou cuidando do cafezal, do milharal, do feijão, do arrozal e da bicharada, cavalos, vacas, bois, bezerras, porcos, galinhas, cachorros, gatos e o que mais circundasse sua

propriedade.

Sempre elegante, cultivava uma barba cheia e muito branquinha, igual uma fotografia que gravei dele em nosso primeiro encontro da turma de D. Ivanir, há mais de 20 anos, que fazia dele a cara do nonno carinhoso, se netos os tivesse, mas por questões só dele permaneceu solteiro.

Frequentamos escola juntos e desfrutamos das aulas e do aconchego moral e espiritual de sermos alunos de D. Ivanir, a madrinha de todos nós. A gente era “da roça”, ele dos Alves e eu da Batinguinha. Na escola tivemos a melhor orientação e convivemos com os melhores colegas, com os quais nos encontramos até hoje.

O Tonho não era de inventar brincadeiras ou de puxar a turma, mas estava sempre presente e ia até o fim com o tino e a paciência de quem sabia que as coisas têm seus tempos, que o milho leva 6 a 7 meses para se poder colher, o café leva 4 anos para iniciar a frutificação, a jaboticabeira pode levar 20 anos até se enfeitar

de pérolas negras e doces “qui nem mé”, logo, o Tonho não apressava o tempo, vivia em harmonia com o universo, trabalhando a terra e desfrutando calmamente das amizades, a quem ele sempre mais dava do que recebia.

Pois é, mesmo assim, neste fatídico 26 de dezembro de 2024, depois da comemoração do nascimento do Menino Jesus, o Tonho Bossi foi acometido de um mal súbito e, embora tendo sido socorrido a tempo, acabou não resistindo, deixando-nos aos 74 anos de vida.

Fico aqui, a pensar e a prostrar com as letras de meu computador, e me vem a pergunta, junto com o nó na garganta: Quem é que vai trazer o bolo de aniversário da D. Ivanir em nosso próximo Encontro?

Antonio Aparecido Bossi, o nosso Tonho Bossi, vai em paz meu amigo e guarda um lugarzinho pra nós. E, por favor, não se esqueça, dá lembranças para a Benedita e para a Hilda.

Até qualquer hora pessoal!

J. CARLOS GROSSI

Sentou-se num banco da praça com os olhos e sentidos naquela igreja, ouvindo os cânticos do casamento e imaginando-se lá dentro com Lindaura. Ela com um vestido branco rendado, enorme chapéu de palha, o colar de sementes sobre os seios e a boca do sorriso encantado. Assentiu com a cabeça: havia perdido para sempre sua amada Lindaura... Perdeu o navio que foi desaparecendo no mar. Perdeu as canções do navio, o bailado das ondas, as gaivotas se despedindo, o barco penetrando no arco-íris do horizonte, o navio levando o sol, a brisa e a vida.

Mas era uma imagem que inventava, pois Lindaura não foi para a Austrália de navio, fora de avião. Igual imagem reconstruída: o avião desviando-se dos penhascos de nuvens. O sol transformando em chamas tudo o que estivesse exposto. E ele nem foi ao aeroporto. Ficou no frio do cobertor. Ficou encolhido dentre as dobras do lençol. E ouviu o ronco do avião passar pelo céu e desaparecer no

LIPILI

azul infinito de sua cabeça. E tão logo cessou o ronco das turbinas, um silêncio se apossou da casa. O aquário tinha um peixe morto em suas algas de plástico. O pardal esculpido em madeira no telhado. Um grilo seco no canto da varanda. Um cachorro mudo passando na longa avenida. Um dia mortalmente ferido na vidraça.

Devia estar junto dela, cabeça recostada à janela, avistando montanhas desmanchadas em azul, onde enormes baleias estouravam espumas e algum transatlântico iluminado passando na noite.

É um instante perdido, lamenta, enquanto seu olhar embaça a caminho da casa.

Sobe lentamente os degraus e apoia-se na janela para investigar o horizonte...

Enxuga algumas lágrimas, abaixa a cabeça, vencido numa batalha de campo aberto.

- Nem sempre é bom chorar amor perdido.
- Quem disse isso?
- Eu disse.
- Quem é você?
- Lipili, o escaravelho, senhor. Quase pisou em mim. Precisa prestar mais atenção nas criaturas!

- É verdade. Peço desculpas.

- Amor só existe para nos fazer chorar... Em todo amor há sofrimento. Também sofri de amor, acredite. Uma adorável libélula. Mas, era um amor incompatível, me disseram.

- Nunca ouvi alguém dizer que existem amores incompatíveis!

- Pois é, nem eu sabia que existem amores incompatíveis. É quando um tem uma forma e o outro, bem... Ela foi viver numa lagoa distante. Entre patos e sapos!

- Senhor Lipili, acredito que também meu amor foi incompatível. Ela era um anjo. Já, eu... um idiota!

- Uma pena. Lamentou Lipili, depois sussurrou:

- Poderia me ajudar, er-guendo-me até a janela? Tenho certas dificuldades...

E Lipili jamais voltaria. Atrapalhou-se na decolagem e esborrachou na calçada onde passava um único carro. Talvez o farol o houvesse cegado. Um azar teve o pobrezinho. E logo as formigas iriam levá-lo para longe dali, para muito longe dali. Agora Lipili viraria canteiro de fungos. Um belo destino teria Lipili...

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

UMA CRÔNICA ANACRÔNICA

PASCOAL ANDRETA

Monte Sião! No silêncio das tuas noites, mais iluminadas pela lua do que pelas candeiazinhas que encimam os postes com que te enfeitas, costume perder-me nas maranhas do teu passado e enredar-me em ternas recordações. E, na tela panorâmica de minha saúde, projetam-se os vultos dos amigos que por ti passaram, das ruas mal alinhadas que te ornavam, do casario vetusto que te enfeitava, das paisagens belas que te emolduravam.

Que saudade, Monte Sião, da Monte Sião de outrora, da Monte Sião desalinhada, descalça, simples, sincera, sem a máscara ridícula de cidade civilizada! Saudade do baixo de metal amarelo do Zeca da Rocha, recurvado, humilde, muito mais sonoro e harmonioso do que os empertigados baixos-tubas de hoje! Do fardamento, também amarelo, da Banda Velha,

sem galões ou talabartes! Dos dobrados vibrantes da “Internacional”, encanto sonoro das noites alegres das festas na Santa Cruz do Tijuco Preto! Da algazarra dos italianos nostálgicos, bebendo vinho no armazém do Alvigés entre hinos patrióticos cantados com soluços na garganta e canções napolitanas ouvidas com lágrimas nos olhos!

Da azáfama dos comerciantes, pulando como bombinha para atender a enorme freguesia que, após a missa das onze, formigava defronte o balcão! Das cinco ou seis árvores que adornavam o Largo da Matriz, dando sombra agasalhante a grupos felizes e esperançosos de moças casadouras! Árvores agrestes, brasileiras, caboclas, crescidas no capricho e arte da natureza nas ramagens desiguais, muito mais belas e artísticas do que as árvores de hoje, simetricamente plantadas, cuidadosamente alinhadas, faceiramente po-

dadas, escravas impotentes, desde seu nascimento, do tesourão do jardineiro! Dos passeios despreocupados da despreocupada mocidade ao longo da Rua Direita nas noites de domingo! Vaivens pontilhados de olhares amorosos, de risos espontâneos, de cochichos enigmáticos!

Dos jogos de futebol no campo repleto pela torcida exaltada, onde todos animavam os jogadores predi-

letos com vivas, palmas e cânticos entusiásticos, não faltando nunca a célebre casinha de cambuí, coberta de cambuí! Dos animados bailes de sanfona chorona, com chocolate à meia noite, fartos de maxixes, polcas, valsas sentimentais e doces mazurcas! Das noites felizes dos brinquedos de roda da infância feliz, em que meninos e meninas, de mãos dadas, na inocência da idade, feriam o silêncio

das noites mornas com a ciranda cirandinha!

Dos carros de boi realejando fanhosidades pelas ruas esburacadas, deixando, a cada pouso, a marca certa de sua parada pelos bois mansos, resignados e sem-cerimônias! Do cinema do Samuel, de salão acanhado, com três cadeiras de assento de palha de milho trançado, reservadas às autoridades – o delegado, o juiz de paz e um soldado – e bancos de madeira para os espectadores! Do pam-pam compassado e ensurdecedor do motor à óleo cru impulsionando o dínamo para a iluminação do prédio e de um pequeno trecho da Rua da Cadeia em noites de sessão!

Dos filmes seriados de Ruth Roland, Pearl White e Tom Mix! Das comédias de Carlitos e Monty Banks! Dos romances de Rodolfo Valentino e Francisca Bertini, que tanto emocionavam a plateia do pequeno salão! Da vida simples, de

aspirações simples! Daquela felicidade feliz que se gozava! Das fogueiras colossais nas festas da Padroeira, com batata assada no braseiro e quentão correndo roda!

Tudo mudou! Que vento mau te varreu, Monte Sião, para levar, assim, para as nuvens, para o nada, tanta vida, tanta beleza e tanta poesia? Que feiticeira má transformou em pedras as fadas benfazejas que tinhas como madrinhas? Recordando, Monte Sião, os teus bons tempos – teus bons velhos tempos, que jamais retornarão – sinto uma vontade doída, incontida, de retornar à infância, de voltar a ser menino, de pular rios, de roubar filhotinhos dos ninhos, de matar tico-ticos a bodoque, de fazer barquinhos de papel, de andar vagabundeando descalço pelas enxurradas, de roubar melancias do Magioli, de aprender a rezar o pai-nosso novamente! Ah, se eu pudesse volver a ampolheta do tempo!

EU

ao espelho
não sei
qual sou

talvez o poeta
que restou

Kuaia



CEMEI CANTINHO DA FELICIDADE PROMOVE LEITURA E INTEGRAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA.

ADRIANA MARCIANO DE GODOI MORAES

O CEMEI Cantinho da Felicidade, localizado no Bairro Mococa, em Monte Sião, é uma instituição dedicada à Educação Infantil, atendendo 160 alunos na faixa etária de 1 a 5 anos, oferecendo um espaço acolhedor para o desenvolvimento integral das crianças.

Com uma estrutura física composta por 11 salas e uma proposta pedagógica que valoriza o aprendizado lúdico e significativo de forma sim-

ples e envolvente, o CEMEI desenvolve o projeto Maleta Viajante, que busca aproximar alunos e famílias do universo da leitura. A iniciativa funciona da seguinte forma: todos os dias, uma criança leva para casa a maleta viajante contendo um livro. Em casa, um membro da família é convidado a realizar a leitura junto à criança, criando momentos de troca e aprendizagem no ambiente familiar.

No dia seguinte, o livro é explorado em sala de aula durante roda de conversa,

permitindo que as crianças compartilhem suas percepções, histórias e aprendam umas com as outras. O projeto não só incentiva o hábito da leitura, como também fortalece os laços entre escola e família, destacando a importância dessa parceria no processo educacional e mostrando que a educação vai além dos muros escolares. Vale ressaltar que a leitura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento infantil. Ela amplia o vocabulário, estimula a imaginação e fortalece os vínculos afetivos. Além disso, pro-

move valores, desenvolve a concentração, aprimora a capacidade de interpretação e oferece uma base sólida para o aprendizado ao longo da vida. Ao introduzir livros e histórias desde cedo, despertamos o prazer pelo conhecimento e a curiosidade em explorar novos mundos, ajudando a formar cidadãos críticos, criativos e preparados para o futuro.

A equipe do CEMEI Cantinho da Felicidade acredita que iniciativas como esta plantam sementes para a formação de leitores.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Arioaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rieilli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gottardello, José Aláercio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memoriam), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br



Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS



Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao Dynamise Farmácia de Manipulação dynamisemanipulacao.com.br

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Janeiro de 2025

Nº 631

ÚLTIMO TREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Fevereiro de 2025

Dia 01	Dia 17
Irma Rieli Guarini	Alexandre Labegalini
Noel Elias Alves	Dia 18
Dia 02	Marília Roberta S. Antônio
Juliana Celi Araújo	Lucas Zucato Lopes
João Henrique C. Bueno	Ellen Tissiana Alves
Luiz Fernando Odinino	Dia 19
Maria Cláudia O. Gomes	Bárbara Monteiro da Costa
Dia 03	Andréia Monteiro Reginato
Renan Barbosa Ferraz	Maria Elisa de Lima
Bruna Fernandes Freire	Ricardo Castro Ribeiro
Ernani Borges de Queiros	Momokishi Izumi
Tamara Monteiro	Dia 20
Nilsa Taveira Labegalini	Franciele Inácio
Dia 04	José de Paula Domingues
B. Ione Guireli Zanella	Maria A. Beghini Domingues
Dia 05	Vanessa Momesso
Nilza Silvério	Gabriela Fonseca
Dia 06	Verônica Dalosso Labegalini
Ivanir de Cássia Zucato	Henrique Labegalini
Maria Aparecida de Jesus	Dia 21
Dia 07	Nilza Sueli G. Zucato
Antonietta M. S. Zucato Robert	Edson Shibuta
Dia 08	Dia 23
Juliana Cristina Simões	Deni da Costa
Gabriel Silva Monteiro	Mário de Paula Borges
Edson Luiz Valentim	Luciana Maria Ventura
Tatiana Silvério Souza	Lucas Arthur M. da Silva
Andréa L. de O. Azevedo	Priscila Regina de Oliveira
Dia 09	Magali Genghini
Alexandre Felix	Benedito Hermínio R. Zucato
Liliana Caetano Monteiro	Dia 24
Andressa Campos Freire	Lara Pieroni
Dia 10	Tiago Bernardi Ruiz
Adhemar Francisco Rejani	Adilson Luiz dos Santos
Karen Cristina Francisco	Maria Borges Gomes
Maria Takahashi	Poliana Castro M. Cardoso
Maria Aparecida Vieira	Dia 25
Brasil Suzumi Izumi	Mônica Guireli
Dia 11	Micheli Cássia Vitoriano
Ademir Rodrigues Zucato	Edson Luiz Volpini
Lourdes Pereira	Ivone S. Fonseca Righete
Sueli de Lourdes Canela	Bruno Mariano Silva
Dia 12	Cláudia Trindade Diniz
Alana Augusto Faraco	Dia 26
Luana Silvério Souza	Amanda Comune de Barros
Edméia Comune	Artur Ribeiro Neto
Dia 13	José Luiz Bueno
Júlia de Fátima Artuzo	Adriano Godoi Faria
Adriana Delgado G. Pepe	Dia 27
Dia 14	Suellen Teles da Cunha
Marcos Vinícius do Amaral	Mariluci P. C. Labegalini
Dia 15	Dia 28
Mirella Mussi	José Augusto Domingues
Melissa Labegalini de Oliveira	Dia 29
Dayane Beatriz Araújo	Fátima Aparecida Silva.
Dia 16	
Eliana Maciel	
Odair Glória	

A todos, as felicitações da Redação!

NOVO COLABORADOR DO JMS – PAULO FRANCO

Nascido em 24 de julho de 1960 em Águas de Lindóia, Paulo se mudou para São Paulo em 1979. Trabalhou na cultura, na Secretaria Estadual de Saúde, e em projetos da OMS. Trabalhou em projetos da Fundação para o Desenvolvimento da Educação com teatro, onde fez ateliê de bonecos, cenários, figurinos e administração de espetáculos. Administrou o Teatro do Hotel Crowne Plaza e chegou a tentar carreira de ator, viajando pelo Brasil. Desde 2014 reside em Águas de Lindóia e hoje é guardião das águas termais no Balneário Municipal da cidade.

NOVA ADMINISTRAÇÃO, PREFEITURA E CÂMARA TOMAM POSSE PARA O MANDATO 2025-28

Com cerimônias transmitidas pela Rádio Cidade das Malhas e pelas redes sociais, no início do ano de 2025 tomaram posse os políticos eleitos para os cargos de prefeito (Dr. Juninho), vice-prefeita (Angélica Artuzo), a Câmara de vereadores e as diversas diretorias que comporão a administração municipal nos próximos 4 anos. A considerar pela postura e pelos discursos de posse, que pudemos acompanhar pela internet, teremos um período bastante animado e agitado na cidade. Tomara que o fogo não se apague e que continuem fiéis à labuta diária para manutenção e progresso da cidade, principalmente, não esquecendo as promessas de campanha e que

mantenham a humildade e a fineza de continuarem conversando com os eleitores, pessoalmente ou pelo whatsapp. Esperamos!

PRIMEIRO DIA DE TRABALHO

Verificamos, pessoalmente, logo na primeira semana de trabalho, uma ação concentrada em ajeitar a entrada da cidade para quem chega do estado de São Paulo. Estavam fazendo uma ação completa de manutenção e arrumação a fim de deixar a entrada da cidade bonita e acolhedora... afinal, dependemos dos turistas e compradores de malhas. Beleza, porém, esperamos que o burnout não atinja o pessoal, logo depois da largada!

REZAS E BOM PRESSÁGIO

Dr. Juninho, fiquei sabendo que a benzedeira e rezadeira, D. Cacilda Bressan, 93 anos de idade, a mãe do João Lúcio, vem gastando as contas do terço para pedir saúde, discernimento e boa fortuna em seu mandato e o de sua equipe. Por oportuno, seguindo a velha tradição portuguesa inaugurada por Pero Vaz de Caminha, vai um pedido de favor... conversa com seu encarregado de manutenção rural e pede para mandar descarregar e patrolar uns caminhões de cascalho na estrada do Bressan (Batinguiha) para facilitar o acesso da nonna à cidade em suas demandas de missas, visitas às velhas amigas, compras e cuidados médicos. Mais uma rodada de orações!

ESTRADAS ENTRE CIDADES DA REGIÃO

E a nova administração vai continuar os projetos de asfaltamento de estradas vicinais para Bueno Brandão, Jacutinga e Socorro? Conta pra nós!

TREVO ESQUISITO – OBRA PARADA

Até o início de janeiro de 2025, as obras do trevo esquiso que está sendo implantado na estrada para Ouro Fino pareciam paradas, servido por um desvio mal planejado, sem sinalização adequada e esburacado. Eita! Juninho, bota lenha nessa fogueira!

A CIDADE E O TURISMO

Esperamos que a nova administração cuide muito bem das estradas da Zona Rural e que o encarregado de obras saiba que a manutenção das estradas se faz no inverno e antes da chuva, em geral, começa entre outubro e novembro! Turismo rural, produtor rural, transporte de alunos etc., precisam de estradas boas. Do mesmo modo, esperamos que cuidem muito bem da cidade e que liderem ações junto à indústria a fim de beneficiar os visitantes, turistas ou compradores, para terem boas experiências e que levem boas recordações de nosso recanto.

AOS TORCEDORES DO PALMEIRAS!

Os fiéis torcedores do Verdão estão organizando outro encontro/almoço, porém a data será remarcada e os fiéis palestrinos serão avisados em tempo. Avanti Palestra!

CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.

MEU BALÃO DE PAPÉIS VELHOS (marcha - 15/06/53)

ELPÍDIO GLÓRIA

E

PASCOAL ANDRETA

I

Com pedaços de papéis usados,
Velhas revistas, jornal,
Eu fiz com todo empenho,
Amor e muito engenho,
Um rústico balão, original.
Enfunado meu balão subia,
Mas lá no céu se queimou.
Por entre gargalhadas,
Apupos e pedradas,
Em cinzas meu balão enfim tombou.

II

Quase chorei de tristeza e mágoa
Ao ver meu balão se incendiar.
O fogo que então o consumia
Parecia também me queimar (bis).

III

Encontrei-a na sarjeta um dia.
Dei-lhe comida, meu lar.
Tratei-a com ternura,
Amei-a com loucura,
De novo ela voltou a fulgurar.
Tal e qual meu balão, um dia,
Quando no céu se queimou,
Tascaram-na maldades,
Queimaram-na vaidades,
E, em cinzas, pra sarjeta ela voltou.

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulista

TELESON
TELECOM

Águas de Lindóia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- Teste do Pezinho ampliado
- Credenciamento com os Laboratórios:

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindóia - SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180